



Para além dos números: a relação entre Contabilidade e a pandemia de Covid-19

JOÃO PAULO RESENDE DE LIMA

Universidade de São Paulo

Resumo

O entendimento que temos acerca da Contabilidade pode mudar drasticamente seu uso na sociedade. Entretanto, o papel crucial das informações geradas pela Contabilidade é inegável independente do posicionamento teórico adotado. A informação certa e tempestiva é capaz de evitar falências de empresas. Contudo, em períodos de crise social, como em desastres naturais e pandemias, as informações ganham ainda mais importância. Sendo a base contabilidade a informação, certa e tempestiva, que papel ela teria em contextos de convulsão social? Diante desse contexto, pretendo no presente ensaio discutir o papel da contabilidade e seus impactos em épocas de pandemia, a partir dos dados preliminares do coronavírus (COVID-19), que até fevereiro de 2021 já atingiu mais de 110 milhões de pessoas ao redor mundo e com mais de 2,4 milhões de óbitos. Para isso discuto, na forma de ensaio, a relação da contabilidade com crises sociais a partir dos dados preliminares sobre a pandemia do coronavírus. No decorrer do ensaio, discuto o impacto das informações contábeis no ambiente patrimonial, econômico e social. Meu principal argumento é de que para “contabilizar” de maneira adequada todos os impactos da Covid-19 em nossa sociedade é preciso que a Contabilidade vá além da lógica patrimonial-financeira e que possibilite a inserção de outras vozes que não de (possíveis) credores e (possíveis) investidores. Para tal discuto os impactos da pandemia nos três ambientes impactos pela Contabilidade: Patrimonial, Econômico e Social. Espero que esse ensaio possa contribuir para a reflexão acerca de uma contabilidade socialmente mais ativa, além de aprofundar a discussão e o entendimento do caráter político que permeia as informações contábeis e as práticas calculativas que embasam a Contabilidade.

Palavras-chave: Pandemia, Covid-19, Contabilidade.



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

1. INTRODUÇÃO

Milhões dentre vocês não podem ir trabalhar, seus filhos não podem ir para a escola ou para a creche, teatros e cinemas e lojas estão fechadas e, talvez, o mais difícil: nós todos perdemos os encontros que são normalmente considerados usuais. **Evidentemente, em uma situação como esta, cada um de nós está repleto de perguntas e preocupações sobre como seguir em frente.**

[Angela Merkel – Chanceler alemã em pronunciamento feito em 18 de março de 2020, grifos meus].

A contabilidade – tanto como profissão, quanto campo acadêmico científico, como área de conhecimento – tem seu papel discutido por diversos autores em diferentes abordagens e tradições de pesquisa. Em uma visão mais conservadora e clássica, a contabilidade visa avaliar os custos e benefícios das ações organizacionais, assim como estabelecer normas e padrões financeiros, representar e relatar o desempenho e planejamento de uma organização, ou seja, “oferecer representações econômicas particulares das atividades e resultados organizacionais tanto aos participantes internos quanto às partes externas interessadas” (Hopwood, 1983, p. 287; Langfield-Smith, 2008). Apesar de amplamente aceita e adotada, essa visão de Contabilidade também sofre diversas críticas por ser focada em eventos do passado, além de representar unicamente fenômenos passíveis de mensuração.

Desde o dia 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que estamos enfrentando uma pandemia causada pela rápida disseminação do Coronavírus (COVID-19). Diante desse contexto muitas coisas mudaram e precisarão mudar nos mais diversos aspectos da vida em sociedade – como destacado na fala da chanceler alemã Angela Merkel – e as mais diversas áreas do conhecimento têm se posicionado e contribuído para a discussão de como agir durante essa pandemia. Todavia, antes da pandemia eram raros os textos que discutiam o papel da contabilidade em tempos de exceção – principalmente aqueles que vão além dos aspectos técnicos e focados no patrimônio das empresas.

Considerando as críticas feitas à concepção tradicional de Contabilidade e diante da necessidade de novas informações decorrente da pandemia, defendo a ideia de que para “contabilizar” de maneira adequada todos os impactos da Covid-19 em nossa sociedade é preciso que a Contabilidade vá além da lógica patrimonial-financeira e que possibilite a inserção de outras vozes que não de (possíveis) credores e (possíveis) investidores. Diante do exposto, o presente ensaio visa discutir o papel da contabilidade e seus impactos em épocas de Pandemia, a partir dos dados preliminares do caso do Coronavírus (COVID-19).

Para atingir esse objetivo decidi desenvolver a discussão por meio de um ensaio, visto que é um gênero acadêmico pouco utilizado na área de negócios, mas que dá mais liberdade ao autor para discutir as ideias principais (Gabriel, 2016). Para apoiar os argumentos desenvolvidos faço uso de artigos veiculados pela grande mídia e dados de relatórios técnicos da Organização Mundial da Saúde (OMS). O principal argumento defendido no presente ensaio é que a Contabilidade – assim como as demais ciências – possui potencial para transcender o papel como uma ciência de apurar e registrar “lucros/prejuízos” passados e assumir um papel mais ativo e olhar para o presente e futuro, mas para isso acontecer depende da lógica política por trás de seu uso.

Espero que o ensaio possa contribuir para a expansão do papel social da contabilidade em momentos de crises, de larga escala, com impactos na vida e na segurança social. É também minha expectativa que esse ensaio possa incentivar pesquisadores e pesquisadoras da área a investirem esforços em construir tecnologias contábeis que apoiem decisões, ações e análises de impacto em momentos como esse.



2. CONTABILIDADE(S)

Como já argumentado, a visão clássica de contabilidade impossibilita reconhecer o impacto de fenômenos não mensuráveis e que não tenham seu fato gerador no passado. Já em uma visão mais crítica a contabilidade pode ser vista como uma arma ideológica na distribuição de renda e riqueza (Tinker, Lehman & Neimark, 1988), além de estar diretamente relacionada ao capitalismo (Bryer, 1993; Chiapello, 2007) e às diferenças sociais e econômicas existentes na nossa sociedade (Haynes, 2017). Uma outra possibilidade é entendê-la como prática social, contextualizada e, portanto, influenciada pela história, pela cultura e pela sociedade, e que serviria para a prestação de contas e responsabilização (*accountability*), como discutido por Dillard e Vinnard (2016), em termos do papel da contabilidade em servir como ferramenta para redução de injustiças.

Apesar das divergências entre os diferentes autores e autoras, praticamente todos concordam em um ponto: a importância da informação contábil/informação financeira (Hendriksen & Van Breda, 1991; Iudicibus, 2004, Sunder, 2014; Scott, 2017). Para Lopes e Martins (2005) “os textos tradicionais de contabilidade, no melhor conhecimento dos autores, enfatizam que a contabilidade deve fornecer informações para uma ampla gama de usuários. Essa afirmação costuma sintetizar a visão dos teóricos da contabilidade acerca da interseção desta com o mundo” (p. 1). A partir disso, tem-se outro questionamento: para quem se destina as informações geradas pela Contabilidade?

De acordo com a Estrutura Conceitual (CPC, 2019) “os ‘termos usuários’ e ‘principais usuários’ referem-se a esses investidores, credores por empréstimos e outros credores, existentes e potenciais, que devem se basear em relatórios financeiros para fins gerais para muitas das informações financeiras de que necessitam” (p. 5). Tal definição é amplamente criticada pois baseia-se no usuário externo da informação, deixando de lado o usuário interno, além de “ignorar” outros usuários externos como o governo e a sociedade de maneira geral (Hendriksen & Van Breda, 1991; Wolk et al., 2008; Sunder, 2014). A partir do exposto é importante definir que, para o presente ensaio, eu considero a contabilidade uma prática social que visa fornecer informações a diferentes grupos de usuários – podendo tais grupos serem investidores e credores, existentes e potenciais, como postulado pela Estrutura Conceitual, mas não limitado a eles, portanto me alinhando ao proposto por Dillard e Vinnard (2019).

Acerca da utilidade da informação construída e comunicada pela contabilidade, Scott (2017) destaca que tal informação deve ser utilizada para embasar a tomada de decisões de seus usuários e que cada usuário reage a tais informações de maneiras diversas, além de utilizá-las diferentemente. É importante ainda ressaltar que tal informação é histórica e socialmente construída, dessa maneira, não pode ser tida como neutra de vieses ou interesses (Young, 2017).

A literatura acerca do uso das informações comunicadas pela contabilidade demonstra que seu principal foco é entender como tais informações influenciam as transações entre provedores de capitais e as empresas (Christensen, Nikolaev & Wittenberg- Moerman, 2016) deixando de lado seu valor social. É também importante considerar que os/as usuários/usuárias da informação contábil também é produtor e criador dessa informação, utilizando-a como uma língua viva, que se molda às necessidades e usos. Ou seja, ao invés de um visão da contabilidade como uma verdade revelada por especialistas, reunidos em fóruns de discussão distantes, que emanam pronunciamentos e regras, proponho aqui a compreensão da contabilidade como uma prática social, construída e moldada por seus usos cotidianos e, portanto, local e particular, atendendo às necessidades de uma pessoa, de um grupo ou de uma coletividade.



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

Além dos usos já reportados para a informação comunicada pela contabilidade, observam-se ainda trabalhos que lidam com tais informações na perspectiva crítica e em tempos de crises sociais como os trabalhos que abordam desastres naturais (Sargiacomo, Ianni & Everett, 2014; Taylor, Tharapos & Sidaway, 2014; Perkiss & Tweedie, 2017; Perkiss & Moerman, 2020) e as crises econômicas globais (Gendron & Smith-Lacroix, 2015). Contudo, uma crise social pouco analisada antes da pandemia de Covid-19 é quando se tem uma situação de crise sanitária.

A partir dessa constatação, observamos que o papel da contabilidade em situações de pandemia é um tópico pouco estudado, apesar da importância da contabilidade e de suas informações, considerando a necessidade de informações e tomada de decisões rápidas de diferentes agentes (Rahaman, Ney & Everett, 2010; Brooks, Webster, Smith, Woodlan, Wessely, Greenberg & Rubin, 2020). Apesar do fato de que crises sociais causadas por pandemias e desastres naturais não possam ser previstas com antecedência é importante que as empresas tenham em mente a possibilidade de que crises como essas, com efeitos de larga escala e impactos desconhecidos, possam acontecer, aprendendo lições com as crises passadas aprimorando sua capacidade de lidar com gerenciamento de crises e para inclui-las em seus planejamentos estratégicos (Hickman & Crandall, 1997; Day, Ishman & Chung, 2004; Tew, Lu, Tolomiczenko & Gellatly, 2008).

O termo pandemia apresenta diversos significados. Contudo, como apontam Morens, Folkers e Fauci (2009) é socialmente acordado que uma pandemia é uma epidemia¹ de grande proporção que atinge diversos países podendo alcançar nível global. Para conter uma pandemia, uma das ações mais utilizadas é a de quarentena, ou seja, a separação ou restrição de movimentação de pessoas que possivelmente foram expostas ao contágio da doença (Overby, Rayburn & Hammond, 2004), dessa maneira diminuindo a força de trabalho existente num país, restringindo o consumo de diversos bens, dentre outros impactos econômicos, financeiros, psicológicos e sociais (Cava, Fay, Beanlands, McCay & Wignall, 2005; Desclaux, Badji, Ndione & Sow, 2017; Brooks et al., 2020).

Ou seja, apesar de a pandemia ser, em sua eclosão, um problema de saúde de escala mundial, causando mortes, e levando sobretudo a ações de preservação da vida e a esforços para a criação de protocolos médicos, como os de prevenção, diagnóstico e cura, em um segundo momento, mas em paralelo, é um problema econômico e financeiro, implicando em retração e/ou depressão econômica, em perdas nos mercados de ações e, portanto, trazendo uma discussão sobre o *trade-off* entre ações restritivas e de contenção de contágio e os chamados impactos econômico-financeiros.

3. O CASO DO CORONA VIRUS

Este vírus não tem passaporte [...] é preciso unir nossas forças, coordenar nossas respostas, cooperar. [...] Teremos, sem dúvida, medidas de controle, de fechamento de fronteiras, mas será preciso tomá-las como europeus, em escala europeia, pois é nesta escala que construímos nossas liberdades e proteções.

[Emmanuel Macron – Presidente da França em pronunciamento feito em 14 de março de 2020]

No dia 11 de março de 2020 a OMS emitiu uma declaração classificando o caso do Coronavírus (COVID-19) como pandemia (OMS, 2020a). No comunicado a organização destaca que até o momento existiam 118 mil casos em 114 países e 4.291 mortes ao redor do mundo e destaca que “[p]andemia não é uma palavra para usar de maneira leviana ou descuidada. É uma palavra que, se mal usada, pode causar medo injustificado, ou aceitação



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

injustificada de que a luta acabou, levando a sofrimento e morte desnecessários” (OMS, 2020a).

Antes de ser declarado como pandemia o Coronavírus (COVID-19) teve registros na cidade de Wuhan na China e, desde então, tem se espalhado para diversos países (Lipsitch, Swerdlow & Finelli, 2020). Apesar de sua origem ainda não ter sido confirmada, acredita-se que a introdução do vírus em humanos partiu do reino animal em Dezembro de 2019 e, até o momento, ainda não foram encontradas intervenções farmacêuticas contra o vírus. Dessa forma, a melhor maneira para seu combate, é o controle do contágio, o que implica em medidas de quarentena e de isolamento social (Heyman & Shindo, 2020; Gilbert et al., 2020).

Estudos na área de genética indicam que a propagação do vírus tem acontecido quase inteiramente apenas entre seres humanos (Heyman & Shindo, 2020), o que em um mundo globalizado permeado por viagens entre diversos países apresenta um grande risco de contaminação de diferentes países e continentes.

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, até o dia 21 de fevereiro de 2021 já haviam sido identificados 110.749.023 casos ao redor e 2.455.131 mortes. É perceptível como o vírus tem se espalhado rapidamente contaminando pessoas ao redor de todo o mundo, reforçando à ideia apresentada pelo presidente francês, Emmanuel Macron, de que o vírus não possui passaporte e é um dever mundial seu combate. Considerando o fato de que o processo de vacinação ainda se mostra lento devido à dimensão do vírus e as poucas vacinas disponíveis, a OMS sugere que sejam mantidas as ações preventivas ao nível individual como lavar as mãos com frequência; manter a prática de distanciamento social; evitar tocar rosto, nariz e boca; praticar higiene respiratória e procurar ajuda médica ao sentir os sintomas (OMS, 2020c).

Além das medidas sugeridas ao nível individual a OMS também emitiu desde o começo da pandemia orientações para os países: estabelecer rapidamente a coordenação internacional e o apoio operacional entre países; ampliação das operações de prontidão e resposta do país; e aceleração de pesquisas prioritárias e inovadoras (OMS, 2020d). Adicionalmente os países têm adotado suas próprias medidas como declaração de estado de quarentena e até mesmo *lockdown* – enfrentando todos os impactos econômicos, financeiros e sociais dessas medidas.

Diante do cenário de *lockdown* uma das questões levantadas é: como um país pode sobreviver, econômica e financeiramente, com todos os serviços não essenciais fechados? Até que ponto entrar em *lockdown* afeta o crescimento econômico de um país? Tais questões foram abordada por Correia, Luck e Verner (2020) com dados da pandemia de Influenza de 1918. Os resultados encontrados mostram que as cidades que atuaram de maneira mais rápida e mais agressiva para controle da pandemia não apresentaram desempenho econômico pior que as que decidiram manter a economia funcionando normalmente, as cidades que atuaram de maneira agressiva inclusive se recuperaram de maneira mais rápida após a pandemia.

As medidas de *lockdown* e as recomendações emitidas pela OMS levantam também a questão de como a população mais econômica e socialmente vulnerável – que não pode se dar o luxo de entrar em quarentena – tem sido afetada. Tais debates apontam para uma discussão que permeia as discussões políticas, econômicas, financeiras e sociais, dessa forma, para ser abordada no âmbito contábil exige um entendimento mais amplo do que é contabilidade, como o que adoto nesse ensaio.

4. QUAL O PAPEL DA CONTABILIDADE NESTA DISCUSSÃO?



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

Estamos **dando alívio às indústrias e pequenas empresas afetadas** e garantimos que emergimos desse desafio com uma economia próspera e crescente, porque é isso que vai acontecer.

[Donald Trump – Presidente dos Estados Unidos em pronunciamento realizado em 17 de março de 2020]

Considerando o exposto até aqui podemos observar alguns pontos de contato entre a contabilidade e o caso da pandemia do Coronavírus (COVID-19). Contudo, ainda resta a dúvida: qual o papel da contabilidade nessa discussão? Como discutido na introdução acredito que o papel da contabilidade vá além de mensurar e de avaliar custos e transações econômicas. Eu defendo que a contabilidade é uma prática social pautada em informações para diferentes usuários, que são também produtores dessas informações, uma vez que são construtores de tecnologias contábeis. Nesse mesmo sentido, Martins e Carvalho (2011) destacam a existência do mito da natureza financeira da informação contábil, e para tal, utilizam como exemplos para embasar sua argumentação o sistema de custeio por absorção, que utiliza informações quantitativas sobre horas de trabalho, volume de energia elétrica e de outros insumos.

Dillard e Vinnari (2019) destacam ainda que na contabilidade tradicional existe um grande foco no *disclosure* de informações, mas sem a preocupação de responsabilizar os agentes envolvidos na construção e divulgação dessas informações – sendo que os autores falam que esse foco é uma doença que pode ser chamada de *disclosure-sclerosis* (Brown & Dillard, 2013). Esse modelo tradicional de contabilidade focado no *disclosure* sem se preocupar com o processo de *accountability* é um modelo problemático, pois privilegia os interesses de grandes provedores de capital, reduz o processo de *accountability* a um significado vazio, além de restringir o alcance e possibilidade da contabilidade como profissão e campo científico.

A partir dessa problemática Dillard e Vinnari (2019) propõe que ao invés de utilizarmos um sistema de *accounting-based accountability* deveríamos migrar para um sistema de *accountability-based accounting*. É importante destacar que a proposta de Dillard e Vinnari (2019) considera a *accountability* num nível estrutural e que essa mudança se tornar possível os autores propõem o uso da *critical dialogic accountability*, que segundo os autores

toma como ponto de partida os direitos e responsabilidades da constelação de constituintes, humanos ou não humanos, afetados pelas ações de agente [...] Neste processo, as redes de responsabilidade que se articulam em torno de questões compartilhadas formulam conjuntos relevantes de critérios que alimentam o sistema de prestação de contas para avaliar as ações do provedor de contas. A contabilidade, divulgação e transparência são componentes necessários, embora não suficientes, de tal processo de *accountability*. [...] O foco, portanto, muda do que pode ser divulgado e tornado transparente, considerando os sistemas contábeis pré-especificados, para o desenvolvimento *accountability-based accounting* que fornecem as informações relevantes para os critérios de avaliação especificados pelas redes de responsabilidade (p. 18).

Nesse modelo de *critical dialogic accountability* pressupõe-se a mudança do sistema contábil, visto que o sistema vigente não leva em consideração as diversas necessidades e interesses de diferentes grupos, dessa maneira funciona como um instrumento de manutenção do *status quo* que continua a silenciar e marginalizar alguns grupos (Dillard & Vinnari, 2019). Para que a mudança ocorra é preciso que as organizações adotem um posicionamento mais ativo e participativo em relação aos seus *stakeholders* para que possa entender suas

necessidades informacionais. A partir dessa discussão Dillard e Vinnari (2019) propõem o modelo conceitual apresentado na Figura 2.

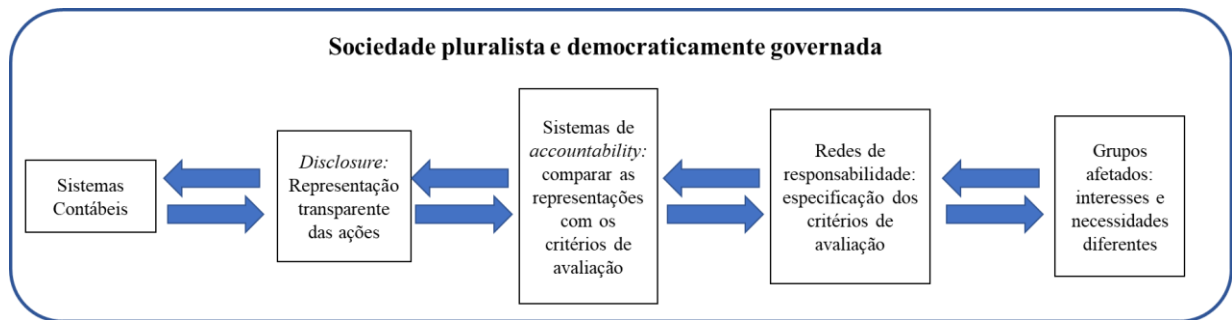


Figura 2 – Critical dialogic accountability
Fonte: Traduzido Dillard e Vinnari (2019, p. 20)

A partir da figura 2 observamos que existem múltiplos grupos que se relacionam à organização. Dentro desses grupos encontramos – além dos provedores de capital – grupos minoritários e marginalizados como minorias raciais e sexuais, pessoas mais economicamente vulneráveis, comunidades indígenas etc. Tais grupos devem ser identificados e terem seus interesses mapeados de maneira externa à organização por iniciativas como entidades governamentais ou organizações não governamentais (ONGs). Tais grupos afetados se reúnem a partir de interesses comuns em um novo conjunto de grupos que formam as redes de responsabilidade. “Essas redes não são necessariamente homogêneas ou permanentes, mas alcançaram um entendimento de interesses compartilhados e reconheceram a necessidade de trabalhar em conjunto para um fim comum em um determinado momento e/ou com relação a uma questão específica” (Dillard & Vinnari, 2019, p. 21).

Acerca do sistema de *accountability* o modelo apresentado na Figura 2 o coloca como um espaço em que as representações das ações e resultados das organizações com maior poder são associadas e comparadas com os critérios de avaliação desenvolvidos pela rede de responsabilidade. As representações devem ser construídas dentro dos sistemas contábeis, assim, esses novos sistemas contábeis devem ser capazes de lidar com múltiplas informações demandadas pelas redes de responsabilidade e as divulgar de maneira transparente. A partir disso, Dillard & Vinnari (2019, p. 22) afirmam que “[t]al perspectiva muda a questão de ‘como a contabilidade pode responsabilizar alguém?’. (*accounting-based accountability*) para “Que contabilidade é necessária para um sistema específico de *accountability*? (*accountability-based accounting*).

A partir dessa discussão observamos que a contabilidade deve superar esse mito da natureza monetária e do excesso de quantificações para ter um cunho mais social e maior possibilidade de ação em situações de crises sociais como a pandemia do COVID-19. Considerando esse cenário mais amplo de atuação contábil Martins e Carvalho (2011) afirmam que a informação gerada pela contabilidade deve impactar três ambientes: patrimonial, econômico e social, como demonstra Figura 3.

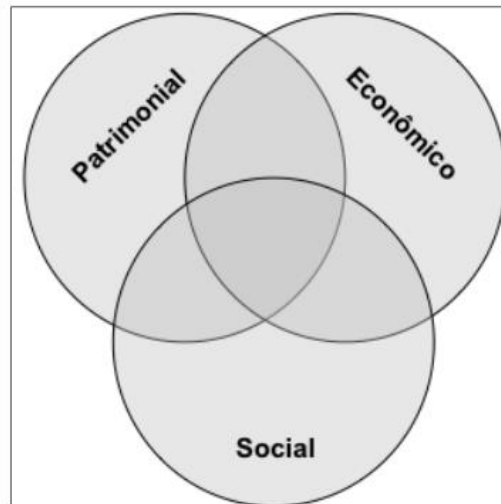


Figura 3 – Ambientes impactados pela informação contábil
Fonte: Martins e Carvalho (2011, p. 9)

A partir da Figura 3 observamos que a informação gerada pela contabilidade impacta, teoricamente, os ambientes patrimoniais, econômico e social. Apesar disso, como destacam Martins e Carvalho (2011) o foco principal da prática e da pesquisa contábil tem sido o ambiente patrimonial que se preocupa em registrar os itens patrimoniais das empresas e representar uma realidade econômica por meio das ações de identificar, classificar e mensurar. Já no ambiente econômico “são estudados os efeitos ocorridos nos mercados pela divulgação da informação contábil e no desempenho das empresas pela utilização de determinados modelos de informação gerencial” (Martins & Carvalho, p. 14). Por fim, no ambiente social se analisam “desde a própria necessidade humana de ter e usar a informação contábil, a organização social que existe em torno desse tipo de informação, passando por como se comportam as pessoas que a elaboram e utilizam, como ela é ensinada e pesquisada até o comportamento fisiológico das pessoas envolvidas” (Martins & Carvalho, p. 14).

A partir dessa discussão, pretendo apresentar algumas considerações preliminares sobre o papel da contabilidade nos ambientes econômicos, patrimoniais e sociais em casos de pandemia como a do Coronavírus (COVID-19). É importante lembrar que estamos no meio da pandemia. Dessa forma, muito ainda vai mudar e é preciso que trabalhos futuros investiguem de maneira aprofundada os impactos posteriores da pandemia em tempo oportuno. Como fonte de evidências para meus argumentos utilizo, além das informações oficiais prestadas pela OMS, notícias veiculadas durante esse período. É importante ainda lembrar que apesar de a análise ser feita de maneira separada para cada ambiente, existem sobreposições e intersecções entre os três – como demonstra a Figura 2.

4.1. Ambiente Patrimonial

Considerando que o objetivo da contabilidade no ambiente patrimonial refere-se às ações de identificar, classificar e mensurar é preciso considerar o impacto que um ambiente permeado de incertezas, volatilidade econômica e cada vez maior escassez de recursos. Visando orientar os profissionais contábeis de como proceder nesse contexto órgãos reguladores a nível nacional e internacional iniciaram uma série de notas sobre o tema. A nível nacional o Conselho Federal de contabilidade (CFC) emitiu uma orientação em 09 de março de 2020 no qual destaca



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

Esse evento acabou afetando a economia mundial e, certamente, poderá gerar **impactos que devem ser refletidos, em alguma extensão**, nos demonstrativos contábeis e financeiros das empresas brasileiras e outras espalhadas pelo mundo. Acreditamos que ainda não é possível mensurar os efeitos econômicos decorrentes da propagação do Coronavírus (COVID-19) e das medidas governamentais tomadas para evitá-la, porém, nesse momento, **cabe alertar quanto aos cuidados nas divulgações dos impactos**, mensuráveis ou não, riscos e incertezas associados com a publicação de informações contábeis e financeiras levantadas em 31 de dezembro de 2019 ou em datas posteriores. (CFC, 2020, grifos próprios).

A partir do trecho apresentado acima, observa-se a preocupação do CFC acerca não apenas dos impactos que a pandemia está gerando nas demonstrações contábeis, mas também no efeito que a divulgação de tais impactos pode gerar. Essa preocupação acerca dos impactos me parece legítima, visto que, como destacou Smith (2017), diferentes usuários reagem de diferentes maneiras às informações. Além disso, a preocupação mostra também que a divulgação das informações contábeis pode (re)moldar a realidade na qual se insere (Hines, 1988).

Além das orientações emitidas pelo CFC também encontrei a discussão presente nas firmas de auditoria. A Deloitte em 17 de março de 2020 publicou o texto “*Clearly IFRS — Accounting Considerations Related to Coronavirus Disease 2019*” em que apresenta os principais impactos da pandemia e destaca as seguintes operações na contabilidade patrimonial como sendo as mais afetadas: (i) *impairment* de ativos não financeiros; (ii) impacto nos inventários; (iii) na perda estimada para crédito de liquidação duvidosa; (iv) mensuração a valor justo; (v) provisões para contratos onerosos; (vi) planos de reestruturação; (vii) violação dos *covenants*; (viii) risco de descontinuidade; (ix) benefícios a empregados; (x) diversos assuntos tributários.

Por fim, Martins e Szuster (2020) escreveram um artigo no Blog contabilidade Financeira refletindo sobre a oportunidade de utilizar a reserva de contingências e alterar a proposta de distribuição de lucros e dividendos tendo em vista as perdas decorrentes da pandemia, apesar da dificuldade de estimar essas mesmas perdas. Os autores adotam um tom otimista ao ressaltar a importância do profissional contábil (Martins e Szuster, 2020)

A contabilidade brasileira já vivenciou momentos de grande tensão, como por exemplo, os Planos de Estabilização para combater a inflação nas décadas de 1980 e 1990, principalmente o Plano Collor em 1990, e a crise no mercado financeiro de 2008. Cada um pareceu na época muito difícil de superar. **Porém, em todos os esses momentos, quando se pensava como é difícil retornar ao funcionamento normal, podemos assinalar a grande importância dos profissionais de contabilidade através do controle das operações e do fornecimento de informações contábeis relevantes.**

Apesar da importância do impacto já apresentado é preciso reconhecer que eles serão encontrados principalmente nas grandes empresas que são obrigadas por lei a apresentarem seu conjunto de demonstrações contábeis de maneira pública. Dessa maneira, é preciso ainda reconhecer o perigo que a pandemia representa às pequenas empresas, como destaca o vice-presidente técnico do CFC, Idésio da Silva Coelho Júnior em entrevista à jornalista Roberta Mello do site Jornal do Comércio em 18 de março de 2020.

Quem move, de fato, a economia e gera mais empregos são elas [as pequenas empresas]. E são as mais sensíveis financeiramente. Talvez possa vir uma medida governamental incentivando os bancos a alongarem e renegociarem os financiamentos, tendo em vista que os bancos hoje estão mais preparados para isso do que no passado.

É sabido que a pesquisa em contabilidade apresenta muito maior preocupação com as grandes companhias que com as pequenas, sendo poucas as pesquisas sobre as Micro e Pequenas Empresas. Todavia, como aponta o estudo de Silva (2015), essas empresas necessitam cada vez mais da atuação da contabilidade na sua gestão para que possam sobreviver e de uma contabilidade que vá além das obrigações fiscais, visto seu alto nível de falência.

Por fim, é importante destacar que para diminuir os impactos da pandemia para as empresas e sociedade em geral, os governos ao redor do mundo inteiro estão tomando diversas ações para injetar dinheiro público nas economias. Dessa forma, é preciso reconhecer também o impacto da pandemia no orçamento e na dívida pública.

4.2. Ambiente Econômico

Além dos impactos no ambiente patrimonial é preciso considerar os impactos da pandemia no ambiente econômico, visto que em um mundo cada vez mais globalizado os impactos de doenças vão para além das taxas de mortalidade e infecção, atingem também cadeias de produção, empresas e bolsas de valores (McKibbin & Fernando, 2020). Uma pandemia pode prejudicar o desenvolvimento econômico global principalmente por quatro maneiras: interrupção na cadeia de suprimentos; diminuição da força de trabalho considerando as pessoas doentes; os efeitos (in)diretos das quarentenas; e o choque advindo da diminuição da renda das pessoas (McKibbin & Fernando, 2020; Conerly, 2020), adicionalmente podemos inserir os efeitos causados pela quarentena e *lockdown* (Brooks et al., 2020).

Um dos impactos econômicos mais sentidos ao redor do mundo foram as quedas nas bolsas de valores. Na bolsa brasileira – B3 – foi preciso acionar o *circuit breaker* seis vezes: nos dias 09, 11, 12, 16 e 18 de março de 2020, sendo que no dia 12 de março foi preciso acionar o *circuit breaker* duas vezes. A Tabela 1 apresenta os dados relativos ao acionamento do *circuit breaker* dos referidos dias.

Tabela 1 – Circuit breaker no mercado Brasileiro durante a pandemia

Parada de 1/2 hora	Horário	Oscilação no fechamento (%)
09/03/2020	10:17	-12,17
11/03/2020	15:14	-7,67
12/03/2020	10:21	-14,78
16/03/2020	10:24	-13,92
18/03/2020	13:18	-10,35
Segunda parada de 1 hora	Horário	Oscilação no fechamento (%)
12/03/2020	11:13	-14,78

Fonte: B3

É importante notar que a maior queda foi registrada no dia 12 de março, exatamente o dia seguinte à declaração da OMS sobre a pandemia, reforçando a mensagem do CFC sobre os cuidados de divulgação de informação e a capacidade dessa informação de influenciar e (re)construir nossa realidade social (Hines, 1988). Outro ponto que merece destaque é o fato

que, nesse período em que foi declarada a pandemia, as bolsas ao redor do mundo já sofriam o impacto da guerra do petróleo. Dessa forma, a pandemia agravou os efeitos negativos, mas não foi responsável inteiramente por esse impacto.

McKibbin e Fernando (2020) utilizam modelos econométricos desenvolvidos durante a epidemia da SARS para estimar as perdas econômicas durante a pandemia do Coronavírus (COVID-19). Os resultados obtidos mostram que as perdas econômicas refletidas nos PIBs podem virar entre a perda de 283 bilhões de dólares no cenário mais otimista e a perda de 2.230 bilhões de dólares. Tais perdas claramente vão possuir impacto no ambiente patrimonial e no ambiente social, considerando a intersecção entre os três podendo levar à mortalidade de diversas empresas e aumento no nível de desemprego como estima a Organização Mundial do Trabalho (2020).

Por fim, é importante destacar a atuação dos governos ao redor do mundo que têm desenvolvido políticas e ações para remedir os impactos da pandemia. A União Europeia já começou a lançar medidas econômicas que visam socorrer tanto empresas, quanto os cidadãos, conforme mostra a Tabela 2.

Tabela 2 - Medidas adotadas

Medida	Países que adotaram
Empréstimos do Estado ou garantias de crédito para empresas	Alemanha, França, Itália, Reino Unido, Espanha
Subsídios de renda para os trabalhadores afetados	Alemanha, França, Itália, Espanha
Adiamentos de impostos	Alemanha, França, Reino Unido, Espanha
Adiamentos ou subsídios da segurança social	Alemanha, França, Espanha
Adiantamento de férias	Itália, Reino Unido, Espanha

Fonte: Traduzido de Arnold, Chazan, Mallet, Johnson, Dombey & Giles (2020)

Outros países como os Estados Unidos discutem também medidas como renda mínima para cada cidadão durante o período de pandemia, na maior transferência de renda da história, além de empréstimos para empresas. No Brasil foi aprovado no dia 26 de março de 2020 o pagamento emergencial de um auxílio para pessoas de baixa renda no valor de R\$ 600,00, podendo chegar a R\$ 1.200 em alguns casos (Piovesan & Moraes, 2020).

Em um comparativo entre diferentes países em relação aos estímulos econômicos oferecidos pelos governos para o combate dos impactos da pandemia, mostra-se que o Brasil é o país com o menor percentual, apenas 2%, como detalha a Tabela 3:

Tabela 3 - Estímulos econômicos em % do PIB

País	%
Brasil	2
Estados Unidos	6,3
Alemanha	12
Reino Unido	17

Fonte: IBRE/FGV

As respostas que estão sendo dadas pelos chefes de Estado mostram que além do ambiente patrimonial, econômico e social a contabilidade ainda possui caráter e potencial no



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

ambiente político, dado que as respostas e medidas econômicas adotadas em momentos de pandemia podem estar relacionadas à sobrevivência política (Baekkeskov & Rubin, 2014).

4.3. Ambiente Social

Como discutido anteriormente as MPEs representam uma parte importante para a economia de todos os países. Mas, em momentos de crises sociais, são as que mais sofrem riscos de falência. A partir do momento que essas empresas começam a falir ou enfrentar dificuldades financeiras graves, uma das grandes consequências é o aumento no volume de demissões – sendo esse um dos grandes impactos esperados na contabilidade Patrimonial em decorrência da pandemia como aponta relatório da Deloitte (2020).

Mas, além das MPEs, grandes empresas pautadas na busca pelo lucro ao enfrentarem momentos de quarentena e *lock down*, como a situação atual, também podem optar por demissões em massa, como é o caso do Burger King na Espanha que dispensou 14.000 funcionários enquanto a situação econômica não voltar ao normal (Salvatierra, 2020). No Brasil, o pacote de medidas econômicas proposto pelo governo federal autoriza as empresas a “negociarem” com seus empregados novos regimes de trabalho diminuindo seu salário até pela metade.

A partir desse contexto, observamos que a pandemia tende a aumentar a pobreza e a desigualdade social, sendo uma das principais razões para tal a lógica neoliberal em que vivemos e que, muitas vezes, está atrelada à contabilidade e suas medidas financeiras (Chiapello, 2017), reforçando a ideia da contabilidade como instrumento ideológico e de poder na distribuição de renda e riqueza (Tinker, Lehman & Neimark, 1988). O papel da contabilidade no aprofundamento das desigualdades sociais é debatido por Lehman, Hammond e Agyemang (2018) por meio do caso de privatização do sistema penitenciário estadunidense e a construção do “outro” em meio à busca por lucro.

Discutir e analisar questões relacionadas à saúde em casos de desastre é de extrema importância, especialmente em casos de epidemias e pandemias “dado que se as ameaças de pandemias não forem geridas eficazmente [...] surgirá uma pandemia e, portanto, um pandemônio - levando a danos de longo alcance à vida humana e produzindo custos sociais e ambientais econômicos em escala global” (Connolly, 2015, p. 372). Dentre os aspectos relacionados à saúde, acredito que um dos principais é o acesso da população à saúde de qualidade e de maneira universal, visto que saúde significa diferentes coisas para países mais privilegiados e para países mais pobres (Shantz, 2010).

Considerando isso é preciso pontuar que, como reflexo do processo de neoliberalização da nossa sociedade, os serviços de saúde tem passado por profundos e significativos processos de privatização (Blumenenthal & Hsiao, 2005) diminuindo seu acesso para as pessoas mais pobres e gerando uma necropolítica de classe, em que a principal doença é ser pobre – sendo que as questões de classe, muitas vezes estão relacionadas à de raça também (Mbembe, 2003; Giroux, 2006; Montenegro, Pujol & Posocco, 2017). O caso reportado no site da Time em 19 de março de 2020 mostra que o tratamento do Coronavírus (COVID-19) nos Estados Unidos pode chegar a U\$ 34.927,34 para uma pessoa sem seguro saúde (Abrams, 2020). A reportagem ainda alerta para os outros 27 milhões de cidadãos estadunidenses que não possuem seguro-saúde e que, assim, podem não ter acesso ao tratamento adequado da doençaⁱⁱ.

Uma das principais recomendações feitas pela OMS para o combate efetivo à transmissão do Coronavírus (COVID-19) é que todos os pacientes que apresentarem os sintomas da doença sejam testados para que sejam tomadas as devidas providências. Entretanto, tais exames são caros e, em nos casos de sistemas privados de saúde, aumentam a



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

vulnerabilidade social das pessoas mais pobres e, nos sistemas públicos de saúde, podem sobrecarregar tais sistemas podendo levá-los a um colapso. Esse cenário destaca ainda mais a importância não só da contabilidade, mas de todas as práticas de gestão no contexto hospitalar e toda sua complexidade (Carney & Bennett, 2014).

Outra recomendação emitida pela OMS é que as pessoas lavem suas mãos sempre que possível e, quando não possível, utilizem álcool em gel para higienizar as mãos. Entretanto, como demonstram os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nem todos os municípios do país possuem acesso ao saneamento básico como mostra o último censo realizado em 2008, sendo que geralmente as áreas que não contam com tal estrutura são as áreas mais pobres. Refletindo sobre as lições aprendidas durante a epidemia de *Severe Acute Respiratory Syndrome* (SARS), Shantz (2010) afirma

[A SARS] mostrou fundamentalmente e muitas vezes de forma categórica que as **epidemias emergentes têm tanto a ver com a economia política como qualquer outra coisa**. A SARS trouxe à tona as relações de desigualdade, poder, pobreza, democracia e governança e a distribuição de recursos dentro das sociedades capitalistas, como o Canadá, no período global. **Mostrou que as relações de poder e desigualdade são centrais para dar origem a epidemias**, mas também para inibir as capacidades das pessoas, como os trabalhadores da saúde, de responder adequadamente, apesar dos seus esforços muitas vezes heróicos. **Mesmo os sistemas avançados de saúde são afetados por disparidades constantes na riqueza e no acesso a recursos e processos decisórios**. Estas são lições que ainda têm de ser aprendidas e pedem ação imediata à luz das ameaças contínuas de epidemias emergentes no período atual. (p. 17, tradução própria, grifos próprios).

É notável no texto de Shantz (2010) a importância de ter um sistema de saúde adequado que possa receber e tratar adequadamente as pessoas durante a epidemia, reforçando a necessidade de investimentos na área da saúde. Crowe e Hardill (2003, como citado por Shantz, 2010) destacam ainda a importância de outros aspectos sociais no combate às epidemias/pandemias, visto que segundo os autores “alimentação, renda, segurança e moradia protegem a saúde das pessoas. Em poucas palavras, a habitação é proteção contra doenças”, trazendo à tona outro problema agravado pelas desigualdades sociais no mundo capitalista e globalizado: o acesso à moradia.

É preciso pensar nas pessoas em situação de rua que estão expostas em todo tempo à contaminação de epidemias e pandemias, além de muitas vezes não terem acesso a informações e ao saneamento básico. Um exemplo disso são as mortes causadas por Tuberculose no Canadá em 2001, como mostram Crowe e Hardill (2003, como citado por Shantz, 2010). Visando refletir sobre o papel da contabilidade em auxiliar a resolver problemas de habitação Cooper, Graham e Himick (2016) discutem a racionalidade por trás dos *social impact bonds* – que se baseiam em tecnologias contábeis como orçamentos, fluxos de caixa futuros, medição de desempenho e auditoria – e demonstram por meio de um estudo de caso que tais instrumentos podem ser utilizados para sanar, ou pelo menos amenizar, problemas sociais.

Considerando todas as discussões levantadas acerca do acesso à saúde e a necropolítica em termos de classe e raça, acredito importante posicionar a reflexão feita por Faustino (2020)ⁱⁱⁱ sobre a pandemia do Coronavírus (COVID-19), o privilégio relacionado à quarentena e a situação empregatícia das pessoas mais pobres no Brasil.

tenho lido muitos relatos coerentes lembrando que em uma sociedade desigual como a nossa a **quarentena é privilégio para poucos** e que nas quebradas (das periferias ou dos centros) ou mesmo para o povo que vive nas ruas o bagulho é diferente. Nestes lugares os trabalhadores (a maioria preto/as) são jogados à situações



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

degradantes de moradia, saneamento, trabalho e transporte precários e, por isso, não podem se dar ao luxo de seguir as recomendações da Organização Mundial de Saúde. (grifos próprios)

Visando diminuir os efeitos da necropolítica de classe e raça, Faustino (2020) sugere quatro ações: (i) denunciar e refletir sobre possíveis ações para superar as condições degradantes às quais as pessoas têm sido submetidas durante à pandemia; (ii) o que fazer em que caso de impossibilidade de quarentena e distanciamento social; (iii) organizar grupos e coletivos para caso a situação se agrave e exista desabastecimento de produtos; e (iv) atuar com reflexividade. Os pontos levantados por Faustino (2020) remetem principalmente a questões relacionadas à solidariedade e reflexividade.

A importância da solidariedade em momentos de epidemias/pandemias é destaca por Shantz (2010) ao afirmar que a solidariedade tem sido amplamente discutida como uma via alternativa para a construção de um mundo globalizado pautada em “justiça social, justiça e igualdade em vez de uma globalização do ‘livre comércio’, dos mercados e da exploração econômica” (p. 15). Para o autor solidariedade significa agir em prol da ajuda e suporte mútuo com aqueles menos poderosos, menos ricos e menos saudáveis. Já acerca da reflexividade Schneider (2015) afirma que tal princípio é necessário para que a contabilidade transcenda o foco econômico – principalmente na discussão sobre sustentabilidade corporativa. Para o autor reflexividade pode ser definida como “como a contínua consideração das perspectivas dos stakeholders afetados pela sustentabilidade corporativa e a atenção na relação entre as metas de sustentabilidade corporativa e o objetivo de desenvolvimento sustentável” (p. 526).

É importante considerar o impacto financeiro causado pela quarentena e pela situação de *lock down* em diversos países e que gerará impactos sociais. Segundo nota emitida pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) no pior cenário possível a pandemia de Coronavírus (COVID-19) pode aumentar o número de desempregados em 24,7 milhões ao redor do mundo e, ao mesmo tempo, aumentar o subemprego que atinge as camadas mais pobres e socialmente vulneráveis da sociedade. A nota emitida pela OIT ainda prevê que o Produto Interno Bruto ao redor do mundo caia entre 2% (cenário otimista) e 8% (cenário mais pessimista) e destaca o caráter único da pandemia que estamos enfrentando.

Destaca-se ainda o potencial do *counter account*, que é uma possibilidade de ressignificar os relatórios ao apresentar a “contra narrativa” (Lehman, Annisette & Agyemang, 2016). O *counter account* ainda permite às vozes marginalizadas contarem suas experiências (Gray & Gray, 2011; Apostol, 2015; Lehman, Annisette & Agyemang, 2016; Vinnari & Laine, 2017). Além disso, os *counter accounts* servem como forma de ressignificar as vidas perdidas e o luto como fenômeno político e ético como mostram os trabalhos de Yu (2020) que discute *accountability* como forma de luto e Lima, Casa Nova e Sauerbronn (2020) que analisam memoriais online como formas de *counter accounting*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre” Jair Messias Bolsonaro, presidente do Brasil, ao comentar mortes decorrentes da Covid-19.

O presente ensaio teve como objetivo discutir o papel da contabilidade e seus impactos em épocas de Pandemia, a partir dos dados preliminares do caso Coronavírus (COVID-19). Ao decorrer do ensaio apresentei alguns pontos de contato entre a contabilidade e a pandemia por meio do impacto da informação contábil no ambiente patrimonial, econômico e social. Apesar dos pontos de contato apresentados, acredito que a contabilidade possua muito mais a



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

contribuir em épocas de crise social. Contudo, para isso é preciso que nós pesquisadores e pesquisadoras e profissionais da área contábil passemos a reconhecer a contabilidade como uma prática social imbuída de valores e com capacidade de (re)moldar a realidade social em que se insere. É preciso que deixemos a visão ingênua que a contabilidade é um simples sistema de registros econômicos que visa apresentar a realidade de uma organização.

Igualmente, é sempre possível aprender com o passado para que possamos estar mais fortes para as próximas epidemias, pandemias e crises sociais. Perkiss e Moerman (2020) mostram como a contabilidade pode servir para fins de justiça e *accountability* em situações relacionadas a desastres naturais apresentando uma possibilidade de contabilidade para o bem comum. Day et al. (2004) sugerem o uso de controle de inventários, recursos humanos, políticas de saúde e gerenciamento de talentos podem auxiliar na construção de um plano de contingências. Tew et al. (2008) afirmam que para um plano de contingência eficiente é preciso identificar os impactos e riscos, definir diretrizes de como o nível gerencial deve lidar com os dilemas enfrentados a nível local e implementar estratégias relacionadas à redução de custos.

Além dos aspectos mais técnicos, a contabilidade pode ainda auxiliar na superação de crises sociais ao intermediar a empatia entre os indivíduos (Dellaportas, 2019), auxiliar no processo de construção de confiança e transparência (Menon & Goh, 2005), construir redes de responsabilidade e sistemas contábeis para interesses plurais (Dillard & Vinnari, 2019), além de fornecer informações tempestivas e confiáveis. Diante disso, acredito que a contabilidade possa atuar em momentos de crise social para atenuar tais crises desde que passemos a reconhecê-la como uma arma ideológica na distribuição de renda e riqueza (Tinker, Lehman & Neimark, 1988) permeada pelos valores de que a utiliza e capaz de influenciar os ambientes patrimoniais, econômico, social e político – como tentei demonstrar ao trazer falas de diferentes chefes de Estado que adotaram diferentes medidas frente à Pandemia. Por fim, destaco a necessidade de refletirmos sobre as práticas calculativas que embasa a Contabilidade: será que realmente tudo que importa é passível de mensuração? Quais os efeitos da mensuração de todos os fenômenos? Quais os efeitos de deixarmos de lado os fenômenos não mensuráveis? Ao refletir sobre as práticas calculativas e o efeito em nossas vidas, finalizo o presente trabalho com um trecho do poema de Alawattage (2020).

He keeps talking . . . [Ele continua falando . . .]
I keep wondering . . . [Eu fico me perguntando . . .]
Dead are numbers, attributed to nations. [Mortos são números, atribuídos a nações.]
To their presidents, and their actions. [A seus presidentes, e a suas ações.]
Infected are numbers, dead are numbers. [Infectados são os números, mortos são os números.]

He keeps talking . . . [Ele continua a falar . . .]
Of these numbers, not of the dead. [Destes números, não dos mortos.]
Not the infected, but of the curve. [Não dos infectados, mas da curva.]

[...]

He keeps talking . . . [Ele continua falando . . .]
performance of the nations. [desempenho das nações.]
And their presidents. [E de seus presidentes.]
In terms of numbers. [Em termos de números.]
Into which, oh, my god! [No qual, oh, meu Deus!]
The dead are turned. [Os mortos são transformados.]

REFERÊNCIAS

- Abrams, A. (2020). *Total Cost of Her COVID-19 Treatment: \$34,927.43*. Recuperado em 20 de março de 2020 de: <<https://time.com/5806312/coronavirus-treatment-cost/>>
- Alawattage, C. (2020). Numbers into which, the dead are turned. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 33(8), 2199-2200. DOI 10.1108/AAAJ-10-2020-093
- Apostol, O. M. (2015). A project for Romania? The role of the civil society's counter-accounts in facilitating democratic change in society. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 28 (2), 210-241, <https://doi.org/10.1108/AAAJ-07-2012-01057>.
- Blumenthal, D., & Hsiao, W. (2005). Privatization and its discontents: the evolving Chinese health care system. *The New England journal of medicine*, 353(11), 1165-1170.
- Brooks, S. K., Webster, R. K., Smith, L. E., Woodland, L., Wessely, S., Greenberg, N., & Rubin, G. J. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. *The Lancet*, 395 (10227), pp. 912-920.
- Brown, J., & Dillard, J. (2013). Agonizing over engagement: SEA and the “death of environmentalism” debates. *Critical Perspectives on Accounting*, 24(1), 1-18.
- Bryer, R. A. (1993). Double-entry bookkeeping and the birth of capitalism: Accounting for the commercial revolution in medieval northern Italy. *Critical perspectives on Accounting*, 4(2), 113-140.
- Carney, T., & Bennett, B. (2014). Framing pandemic management: New governance, science or culture?. *Health Sociology Review*, 23(2), 136-147.
- Cava, M. A., Fay, K. E., Beanlands, H. J., McCay, E. A., & Wignall, R. (2005). The experience of quarantine for individuals affected by SARS in Toronto. *Public Health Nursing*, 22(5), 398-406.
- Conselho Federal de contabilidade [CFC]. (2020). CFC alerta profissionais sobre impacto, nas demonstrações contábeis e outros temas relacionados à contabilidade, da pandemia de Coronavírus. Recuperado em 21 de março de 2020, de: <<https://cfc.org.br/noticias/cfc-fornece-alerta-para-profissionais-da-contabilidade-sobre-o-surto-do-coronavirus-impacto-nas-demonstracoes-contabeis-levantadas-na-data-base-de-31-de-dezembro-de-2019-e-datas-posteriores/>>.
- Chiapello, E. (2007). Accounting and the birth of the notion of capitalism. *Critical Perspectives on Accounting*, 18(3), 263-296.
- Chiapello, E. (2017). Critical accounting research and neoliberalism. *Critical Perspectives on Accounting*, 43, 47-64.
- Christensen, H. B., Nikolaev, V. V., & Wittenberg- Moerman, R. (2016). Accounting information in financial contracting: The incomplete contract theory perspective. *Journal of accounting research*, 54(2), 397-435.
- Conerly, B. (2020). Economic Forecast Update March 20, 2020 For COVID-19, Coronavirus Impacts. Forbes. Recuperado em 21 de março de 2020 de: <<https://www.forbes.com/sites/billconerly/2020/03/20/economic-forecast-update-march-20-2020-for-covid-19-coronavirus-impacts/#4833b95b2f07>>.
- Connolly, J. (2015). The “wicked problems” of governing UK health security disaster prevention. *Disaster Prevention and Management*, 24 (3), 369-382.
- Cooper, C., Graham, C., & Himick, D. (2016). Social impact bonds: The securitization of the homeless. *Accounting, Organizations and Society*, 55, 63-82.
- Comitê de Pronunciamentos Contábeis [CPC]. (2019). CPC 00 (R2) - Estrutura Conceitual para Relatório Financeiro. Recuperado em 18 de março de 2020 de: [http://static.cpc.aatb.com.br/Documentos/573_CPC00\(R2\).pdf](http://static.cpc.aatb.com.br/Documentos/573_CPC00(R2).pdf)



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

- Correia, Sergio and Luck, Stephan and Verner, Emil. (2020). *Pandemics Depress the Economy, Public Health Interventions Do Not: Evidence from the 1918 Flu*. Recuperado em 26 de março de 2020 de: <<https://ssrn.com/abstract=3561560>>.
- Day, B., McKay, R. B., Ishman, M., & Chung, E. (2004). The new normal: lessons learned from SARS for corporations operating in emerging markets. *Management Decision*, 42 (6), 794-806.
- Dellaportas, S. (2019). The role of accounting in mediating empathic care for the “other”. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*. 32 (6), 1617-1635.
- Deloitte. (2020). Clearly IFRS — Accounting Considerations Related to Coronavirus Disease 2019. Recuperado em 21 de março de 2020, de: <<https://www.iasplus.com/en-ca/publications/publications/2020/clearly-ifrs-accounting-considerations-related-to-coronavirus-disease-2019>>
- Desclaux, A., Badji, D., Ndione, A. G., & Sow, K. (2017). Accepted monitoring or endured quarantine? Ebola contacts' perceptions in Senegal. *Social Science & Medicine*, 178, 38-45.
- Dillard, J., & Vinnari, E. (2019). Critical dialogical accountability: From accounting-based accountability to accountability-based accounting. *Critical Perspectives on Accounting*, 62, 16-38.
- Faustino, D. M. (2020). *O Coronavírus e a quarentena que não chega na Periferia: O que fazer?* Recuperado em 21 de março de 2020 de: <<http://deivisonnkosi.kilombagem.net.br/artigos/saude/corona-virus-mas-e-se-a-sua-quarentena-nao-chegar-na-periferia-o-que-fazer/>>.
- Gabriel, Y. (2016). The essay as an endangered species: Should we care? *Journal of Management Studies*, 53(2), 244-249.
- Gendron, Y., & Smith-Lacroix, J. H. (2015). The global financial crisis: Essay on the possibility of substantive change in the discipline of finance. *Critical Perspectives on Accounting*, 30, 83-101.
- Gilbert, M., Pullano, G., Pinotti, F., Valdano, E., Poletto, C., Boëlle, P. Y., ... & Gutierrez, B. (2020). Preparedness and vulnerability of African countries against importations of COVID-19: a modelling study. *The Lancet*, 395, 871-877
- Giroux, H. A. (2006). Reading Hurricane Katrina: Race, class, and the biopolitics of disposability. *College Literature*, 171-196.
- Gray, R., & Gray, S. (2011). Accountability and human rights: A tentative exploration and a commentary. *Critical Perspectives on Accounting*, 22(8), 781-789.
- Haynes, K. (2017). Accounting as gendering and gendered: A review of 25 years of critical accounting research on gender. *Critical Perspectives on Accounting*, (43), 110-124.
- Hendriksen, S. E., & Van Breda, F. M. (1991). Accounting theory.
- Heymann, D. L., & Shindo, N. (2020). COVID-19: what is next for public health?. *The Lancet*, 395(10224), 542-545.
- Hickman, J. R., & Crandall, W. (1997). Before disaster hits: A multifaceted approach to crisis management. *Business Horizons*, 40(2), 75-80.
- Hines, R. D. (1988). Financial accounting: in communicating reality, we construct reality. *Accounting, organizations and society*, 13(3), 251-261.
- Hopwood, A. G. (1983). On trying to study accounting in the contexts in which it operates. *Accounting, Organisations and Society*, 8 (2/3), pp. 289-305.
- Iudicibus, S. (2004). *Teoria da contabilidade*. (7a ed.). São Paulo: Atlas.
- Langfield-Smith, K. (2008). Strategic management accounting: how far have we come in 25 years?. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 21(2), 204.



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

- Lehman, C. R., Hammond, T., & Agyemang, G. (2018). Accounting for crime in the US: Race, class and the spectacle of fear. *Critical Perspectives on Accounting*, 56, 63-75.
- Lehman, C., Annisette, M. and Agyemang, G. (2016), "Immigration and neoliberalism: three cases and counter accounts", *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, Vol. 29 No. 1, pp. 43-79. <https://doi.org/10.1108/AAAJ-09-2013-1470>
- Lima, J. P. R.; Casa Nova, S. P. C. & Sauerbronn, F. F. (2020). Deaths that matter: counter-accounting as political grief in Covid-19 pandemic in Brazil. In: 2020 QRCA Conference: Consolidating and Extending QRCA in Latin America. *QRCA Proceedings. Online Conference*. 2020.
- Lipsitch, M., Swerdlow, D. L., & Finelli, L. (2020). Defining the epidemiology of Covid-19—studies needed. *New England Journal of Medicine*.
- Lopes, Alexsandro Broedel; Martins, Eliseu. (2005). Teoria da contabilidade: uma nova abordagem. São Paulo: Atlas.
- Martins, Eric Aversari & Carvalho, L. N. G. (2011). Ciência da contabilidade: ensaio teórico sobre seu objetivo e objeto. In: 11 Congresso USP de Controladoria e contabilidade, 2011, São Paulo. 11 Congresso USP de Controladoria e contabilidade, 2011.
- Mbembé, J. A., & Meintjes, L. (2003). Necropolitics. *Public culture*, 15(1), 11-40.
- McKibbin, W. J., & Fernando, R. (2020). The global macroeconomic impacts of COVID-19: Seven scenarios. SSRN paper. Recuperado em 21 de março de 2020 de: <https://cama.crawford.anu.edu.au/sites/default/files/publication/cama_crawford_anu_edu_au/2020-03/19_2020_mckibbin_fernando_0.pdf>.
- Mello, R. (2020). Contabilizar efeito do coronavírus requer atenção especial. Recuperado em 20 de março de 2020, de: <https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/cadernos/jc_contabilidade/2020/03/729414-contabilizar-efeito-do-coronavirus-requer-atencao-especial.html#.XnJJtKv4Dpc.whatsapp>
- Menon, K. U., & Goh, K. T. (2005). Transparency and trust: risk communications and the Singapore experience in managing SARS. *Journal of Communication Management*, 9(4), 375-383.
- Montenegro, M., Pujol, J., & Posocco, S. (2017). Bordering, exclusions and necropolitics. *Qualitative Research Journal*, 17 (3), 142-154.
- Morens, D. M., Folkers, G. K., & Fauci, A. S. (2009). What is a pandemic? *The Journal of Infectious Diseases*, 200, pp. 1018-1021.
- Organização Internacional do Trabalho [OIT]. (2020). COVID-19 and world of work: Impacts and responses. Recuperado em 21 de março de 2020 de: <https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/briefingnote/wcms_738753.pdf>
- Organização Mundial da Saúde [OMS]. (2020a). Virtual press conference on COVID-19 – 11 March 2020. Recuperado em 21 de março de 2020 de: <https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/transcripts/who-audio-emergencies-coronavirus-press-conference-full-and-final-11mar2020.pdf?sfvrsn=cb432bb3_2>.
- Organização Mundial da Saúde [OMS]. (2020b). Novel Coronavirus (COVID-19) Situation. Recuperado em 21 de março de 2020 de: <<https://experience.arcgis.com/experience/685d0ace521648f8a5beeee1b9125cd>>.
- Organização Mundial da Saúde [OMS]. (2020c). Coronavirus disease (COVID-19) advice for the public. Recuperado em 21 de março de 2020 de: <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public>>.



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

- Organização Mundial da Saúde [OMS]. (2020d). Strategic preparedness and response plan for the new coronavirus. Recuperado em 21 de março de 2020 de: <<https://www.who.int/publications-detail/strategic-preparedness-and-response-plan-for-the-new-coronavirus>>.
- Overby, J., Rayburn, M., Hammond, K., & Wyld, D. C. (2004). The China syndrome: the impact of the SARS epidemic in Southeast Asia. *Asia Pacific Journal of Marketing and Logistics*, 16 (1), 69-94
- Perkiss, S., & Moerman, L. (2020). Hurricane katrina: Exploring justice and fairness as a sociology of common good (s). *Critical Perspectives on Accounting*, 67-68, 102022.
- Perkiss, S., & Tweedie, D. (2017). Social accounting into action: religion as ‘moral source’. *Social and Environmental Accountability Journal*, 37(3), 174-189.
- Piovesan, E. & Moraes, G. (2020). Câmara aprova auxílio de R\$ 600 para pessoas de baixa renda durante epidemia. Recuperado em 27 de março de 2020 de: <<https://www.camara.leg.br/noticias/648863-camara-aprova-auxilio-de-r-600-para-pessoas-de-baixa-renda-durante-epidemia/>>.
- Rahaman, A. S., Neu, D. & Everett, J. (2010). Accounting for social purpose alliances: Confronting the HIV/AIDS pandemic in Africa. *Contemporary Accounting Research*, 27 (4), 1093-1129.
- Salvatierra, J. (2020). Burger King presentará un ERTE para sus 14.000 empleados. *El País*. Recuperado em 22 de março de 2020 de: <<https://elpais.com/economia/2020-03-16/burger-king-presentara-un-erte-para-sus-14000-empleados.html>>
- Sargiacomo, M., Ianni, L., & Everett, J. (2014). Accounting for suffering: Calculative practices in the field of disaster relief. *Critical Perspectives on Accounting*, 25(7), 652–669.
- Schneider, A. (2015). Reflexivity in sustainability accounting and management: Transcending the economic focus of corporate sustainability. *Journal of Business Ethics*, 127(3), 525-536.
- Scott, W. R. (2017). *Financial accounting theory*. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall.
- Shantz, J. (2010). Capitalism is making us sick: poverty, illness and the SARS crisis in Toronto. *Understanding emerging epidemics: Social and political approaches*, New York, NY: Emerald, 3-18
- Silva, C. D. N. (2015). *Conte comigo! Características da consultoria contábil aos pequenos negócios*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Economia, Administração e contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/D.12.2016.tde-18012016-161033
- Sunder, Shyam. (2014). Teoria da contabilidade e Controle. São Paulo: Atlas.
- Taylor, D., Tharapos, M., & Sidaway, S. (2014). Downward accountability for a natural disaster recovery effort: Evidence and issues from Australia’s Black Saturday. *Critical Perspectives on Accounting*, 25(7), 633–651.
- Tew, P. J., Lu, Z., Tolomiczenko, G., & Gellatly, J. (2008). SARS: lessons in strategic planning for hoteliers and destination marketers. *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, 20 (3), 332-346.
- Tinker, A.M., Lehman, C. and Neimark, M.K., (1988), “Marginalising the Public Interest: A Critical Look at Recent Social Accounting History”, in Ferris, K.R. (ed.), *Behavioral Accounting Research*, Columbus: Century VII Publishing Co., pp.117- 143.
- Vinnari, E., & Laine, M. (2017). The moral mechanism of counter accounts: The case of industrial animal production. *Accounting, Organizations and Society*, 57, 1-17.



São Paulo 28 a 30 de julho 2021.

- Wolk, H. I., Dodd, J. L., & Rozycki, J. J. (2008). *Accounting theory: conceptual issues in a political and economic environment* (Vol. 2). Sage.
- Young, J. J. (2018). What it means to be critical. *Critical Perspectives on Accounting*, 50, pp. 13–14.
- Yu, A. (2020). Accountability as mourning: Accounting for death in the time of COVID-19. *Accounting, Organizations and Society*, 101198.

ⁱ O termo epidemia é compreendido nesse trabalho a partir do termo epidemiologia que é o estudo dos fatores que influenciam a ocorrência, transmissão, distribuição, prevenção e controle de doenças. Dentro da epidemiologia encontram-se a epidemia, que é quando a ocorrência/transmissão de doença ocorre repentinamente em números altos. **Fonte:** University of Maryland Pathogenic Microbiology Web page. Available at: <http://www.life.umd.edu/classroom/bsci424/HostParasiteInteractions/HostParasiteSummary.htm>.

ⁱⁱ É importante ressaltar que o “*Families First Coronavirus Response Act*” lançado em 18 de março de 2020 cobre apenas os custos relacionados aos testes para o Corona Vírus (COVID-19), mas não custos relacionados ao tratamento. Maiores informações podem ser encontradas no site do congresso estadunidense. <<https://www.congress.gov/bill/116th-congress/house-bill/6201>>.

ⁱⁱⁱ Deivison Mendes Faustino é professor na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Graduado em Ciências Sociais pelo Centro Universitário Santo André (2005); Mestre em Ciências da Saúde/ Epidemiologia pela Faculdade de Medicina do ABC (2010) e Doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCAR (2015). Fonte: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4200973T8>